

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*

Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. 376p.

Anderson Silva

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

Em 2017, a Editora 34 trouxe para o público brasileiro a mais nova tradução de *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), doravante MFL. A nosso ver, em um posicionamento responsivo e dialógico frente a uma pergunta lançada por Sériot (2015), *Por que retraduzir Marxismo e filosofia da linguagem?*, em ocasião da retradução do livro na França, o presente trabalho e as justificativas das tradutoras parecem ir no mesmo caminho da procura do texto original numa tendência dos países ocidentais, trazendo uma revisão necessária para os leitores dessa perspectiva teórica ou que se interessam pela temática. Esta obra fundamental, dentro do chamado Círculo de Bakhtin, é uma das mais conhecidas e agora o grande públicotem a oportunidade de ler uma tradução diretamente do russo feita pelas pesquisadoras e tradutoras Sheila Grillo (USP) e Ekaterina Vólkova Américo (UFF). Dentro de um projeto que se iniciou há alguns anos e já trouxe para os leitores brasileiros alguns trabalhos (MEDVIÉDEV, 2012) bakhtinianos de fundamental importância, Sheila Grillo foi até a Rússia (em 2012) para uma investigação de fôlego, trazendo cópias de diversos originais que até então eram

conhecidos apenas por meio de traduções indiretas do francês, inglês ou espanhol.

Relembrando algumas informações históricas sobre a inserção de MFL no Brasil, resgatamos uma explanação oral realizada pela renomada especialista Beth Brait, em ocasião da Jornada do Grupo *Linguagem, identidade e memória*¹, em 2013. A chegada de Volóchinov ao Brasil, diferente de outros países, deu-se no final da década de 70 do século XX. Em meio à ditadura e à linguística formalista que imperava em duas das principais instituições de ensino do país – USP (Estruturalismo) e UNICAMP (Gerativismo), a obra chegou pela primeira vez ao Brasil na feira do livro da UNICAMP, em 1976, na qual Carlos Vogt (já professor dessa instituição) e os ainda estudantes de mestrado Carlos Alberto Faraco e Sírio Possenti (que não liam russo, mas inglês, francês e espanhol) tomam conhecimento da obra assinada por Voloshinov via Argentina, cujo título traduzido do inglês por Maria Rosa Russovich era *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*². De lá para cá, muitas reedições por traduções indiretas foram difundidas no país, sendo a base de leitura e estudo dos pesquisadores da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD) nas décadas finais do século XX e início do século XXI. Hoje, ainda nas bibliotecas públicas e particulares, o que impera são essas edições que auxiliaram no entendimento de questões fulcrais do universo bakhtiniano, mas essa realidade começa a tomar novos rumos com a difusão desse novo trabalho.

Em termos gerais, esta versão inédita de MFL (2017) vem com tradução e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, ademais, possui também: a) orelhas escritas pela renomada especialista Beth Brait, b) ensaio introdutório de Sheila Grillo (p.7-2); c) anexo – Plano de Trabalho de Volóchinov (p.325-352); d) glossário elaborado pelas tradutoras (p.353–368); e) informações sobre o autor (p.369) e sobre as tradutoras (p.371). Entre as particularidades verbovisuais, em uma apreciação comparativa da capa desta obra com reedições indiretas, como a 9ª edição publicada pela

¹ Para mais detalhes, vide: <http://www.linguagemememoria.com.br/home.php>

² Para mais detalhes, vide:

<https://docs.google.com/file/d/0B7IDIt05bCUuc1NfUUpzNHlhEE/view>

Editora Hucitec (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999), vemos um projeto gráfico que revela um posicionamento enunciativo. Neste enunciado verbovisual, entre o branco e um azul escuro, o que vem em destaque em tamanho maior na parte superior é o nome do autor *Valentin Volóchinov* e, logo abaixo, em letras pretas, entre parênteses, a expressão *Círculo de Bakhtin*, dando destaque assim para assinatura da obra.

Em um texto didático e esclarecedor, Brait ratifica que MFL é um dos escritos mais citados e conhecidos pelos interessados na perspectiva dialógica. Ademais, explicita que a primeira tradução para o português veio da versão francesa de 1979, cuja assinatura da obra era “Mikhail Bakhtin (Volochinov)”. Nessa apresentação, ressalta o caráter essencial da (re)tradução no atual momento em que os textos do Círculo estão sendo publicados por algumas editoras diretamente do russo, resgatando os momentos de produção e recepção, trazendo peculiaridades até então desconhecidas pelo grande público, seja no contexto lexical, sintático ou morfológico, seja pela produção de sentidos advindos dessa nova leitura de MFL.

No ensaio introdutório (p.7-82), Grillo detalha os fatos que motivaram a tradução diretamente do russo (versão de 1929). Entre as peculiaridades, observamos a inserção de uma cópiada capa original de MFL, em que figurava no topo o nome de V. N. Volóchinov. Entre as justificativas elencadas pela tradutora para a elaboração da obra está “a recuperação e a compreensão de parte do contexto intelectual de produção da obra, com vistas a possibilitar o acesso a novas camadas de sentido para o leitor brasileiro” (GRILLO, 2017, p.8). Ademais, na parte final do texto, encontra-se uma robusta referência bibliográfica em que a autora se baseou, trazendo para todos os leitores as fontes originais consultadas por Volóchinov.

Neste trabalho original, o livro de Volóchinov³ vem dividido em três partes, das quais também se verifica pontos diferentes entre essa nova

³ Observa-se que durante as traduções, conforme a língua, o sobrenome do autor grafou-se de maneira diferente, como: Voloshinov, Volochinov e agora, com esta nova tradução, Volóchinov. Ressalta-se esse fato, não pela falta de conhecimento dos sujeitos ao citarem o

tradução e edições de tradução indireta, das quais podemos contrastar os títulos principais. Na primeira parte da obra, entre a antiga e atual edição, verifica-se os seguintes títulos: *A filosofia da linguagem e sua importância para o marxismo* (1999) X *A importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo* (2017); na segunda parte - *Para uma filosofia marxista da linguagem* (1999) X *Os caminhos da filosofia da linguagem marxista* (2017); por fim, a terceira parte – *Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas* (1999) x *Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)* (2017). Apenas por essa análise contrastiva, vê-se a necessidade da releitura da obra para uma revisão teórica e a necessária atualização na compreensão das ideias engendradas em MFL que é um dos pilares da chamada ADD, no Brasil.

Essas diferenças não se tratam apenas de posições sintáticas ou escolhas lexicais, mas (d)enunciam um plano enunciativo e o ineditismo deste trabalho minucioso desenvolvido pelas autoras. Ademais, entre outros detalhes é o número de capítulos, pois em antigas versões, veem-se 11 capítulos, com a descrição detalhada de cada tópico, já neste novo trabalho há apenas 3 ou 4 tópicos por parte, sintetizando o sumário e o projeto de leitura. Todos esses pormenores não são elementos acessórios, mas fazem parte desse novo enunciado concreto e remete a necessidade de uma (re)leitura minuciosa para a sedimentação desse campo de estudo dentro das grandes áreas de Educação e de Linguísticas, Letras e Arte.

Entre as qualidades que enfatizamos nesta nova versão de MFL, estão as notas das tradutoras, pois são de relevância fundamental nas explicações que diferem das traduções antigas. Como podemos citar o exemplo da nota 12: “O termo russo *pereživánie* é uma tradução da palavra alemã *Erlebnis*, que pode significar “vivência” ou “experiência”. A tradução brasileira a partir do francês optou por “atividade psíquica”. A americana usou *subjective psychic experience*. A espanhola empregou *vivencia psíquica subjetiva*. Optamos por “vivência” porque a raiz da palavra russa

autor, mas devido as traduções e as versões utilizadas. Dessa forma, acreditamos que com esse novo trabalho e difusão da versão diretamente do russo, daqui alguns anos a grafia Volóchinov comece a se estabilizar nos trabalhos acadêmicos e nas referências bibliográficas.

pereživánie é *jiv*, que significa “vida” e “viver” em russo. (N. da. T.) ” (p.117). A ilustração desse exemplo mostra que esses pequenos detalhes fazem toda a diferença para compreensão do texto, tornando a leitura de MFL mais fluida e compreensiva. Dentro desse novo trabalho, destacamos também a pertinência das notas, tanto de Volóchinov, quanto das tradutoras. No ensaio introdutório é possível ver ao todo 27 notas que esclarecem ainda mais as condições de produção de MFL, desvelando camadas de sentido sobre o texto. No texto do autor russo propriamente dito, percebe-se a inserção de 53 notas de rodapé de autoria de Volóchinov, intercaladas com as notas da tradução, configurando-se como fundamentais para o entendimento aprofundado da obra, revelando detalhes de extrema importância para a leitura do livro.

Na obra como um todo, percebemos a tentativa de relacionar explicitamente a linguagem e a sociedade, atribuindo ao signo como produto da interação social. Dessa maneira, os atos discursivos são considerados como parte de um processo comunicativo ininterrupto em que, tanto o discurso oral quanto o escrito, podem ser analisados a partir de um contexto sócio-histórico, portanto ideológico. Os signos surgem a partir do processo de interação entre consciências, nas quais refratam e refletem a realidade. Nessa interação organizada, temos que levar em conta a questão do horizonte social no momento de enunciação, pois os sentidos podem mudar conforme a época e o grupo social. Nesse caso, cada posição em relação ao(s) sentido(s) de um texto implica em um processo dinâmico e ativo entre (inter)locutores.

Ampliando ainda mais nossa visão, concordamos com Souza (2003) quando esse aponta a necessidade de estudo de MFL (2017) para compreensão dos *gêneros do discurso* sob o ângulo desse viés teórico, no qual acrescentamos também para o entendimento de diversos conceitos-chave (FARACO, 2017; LOFTS, 2015; PAZ, 2010; SOBRAL, GIACOMELLI, 2016; VIANNA, 2010) engendrados pelo chamado Círculo bakhtiniano⁴. Na

⁴ Para um aprofundamento dessa obra, recomendamos a consulta e leitura de diversos artigos que dialogam com a obra MFL, e que foram publicados na principal revista brasileira sobre os estudos bakhtinianos – BAKHTINIANA. Revista de estudos do discurso (<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana>).

primeira parte da obra supracitada, o objeto de reflexão é o enunciado e os gêneros do discurso, no qual se nota a discussão sobre os problemas da filosofia da linguagem em paralelo com aspectos do pensamento marxista. Dessa maneira, Volóchinov (2017) estuda como a base econômica influencia a linguagem por meio da reflexão da psicologia do corpo social, que podemos entender aqui como estudo da ideologia do cotidiano.

Para entendermos essas reflexões engendradas, precisamos antes ter pelo menos uma noção mais clara sobre a concepção marxista de *infraestrutura* e de *superestrutura*. No sentido proposto por Marx, a grosso modo, podemos conceber a infraestrutura como as relações materiais de produção, ou seja, a relação dialética dos sujeitos com a natureza por meio do trabalho. Por sua vez, essa estrutura se relaciona com a base ideológica desse sistema produtivo, na qual podemos entender como as superestruturas. Em suma, a infraestrutura refere-se ao alicerce material das relações de produção entre o homem e a natureza, essa estrutura seria o sistema produtivo (capitalismo) e a superestrutura seria uma maneira de dominação institucional e ideológica. Observando o interesse dos teóricos do Círculo em querer saber a problemática do intercâmbio entre a realidade (infraestrutura) e os signos, percebemos que os pensadores vão se ancorar na *palavra* como material semiótico capaz de responder a esse questionamento sobre as transformações ideológicas, uma vez que a *palavra* é onipresente, estabelecendo as relações de sentido entre os sujeitos.

Com relação ao *Plano de Trabalho de Volóchinov* (p.325), destacamos o ineditismo do texto e, conforme nota das tradutoras, trata-se de um anexo apresentando o plano e as ideias retiradas do arquivo pessoal de Valentin Nikoláievith Volóchinov preservado no Arquivo Estatal da Federação Russa. O anexo mostra os tópicos para o engendramento de MFL. Esse texto é um convite para que todos (os que já leram e os que lerão pela primeira vez) possam comparar as ideias iniciais com o trabalho agora traduzido dos originais.

Na parte final de MFL, encontra-se um glossário (p.353-368) feito pelas tradutoras e que a nosso ver facilita o entendimento de muitos

conceitos encontrados ao longo da obra, principalmente para os iniciantes do universo bakhtiniano. Para quem ainda não tem acesso ao *Nuevo Diccionario de la teoría de Mijail Bajtín* (ARÁN, 2006), bem como outros trabalhos (BRAIT, 2005; BRAIT, 2006) na mesma linha, essa parte do livro é uma excelente fonte de consulta que traz ao todo cinquenta termos-chave utilizados na tradução e que são essenciais para a compreensão da trama enunciativa.

Em síntese, o leitor brasileiro é presenteado com uma nova versão desse livro que é leitura obrigatória para quem está conhecendo a perspectiva dialógica do discurso. Esta tradução vem em consonância como uma espécie de resposta para o que Faraco (2009) escreveu em seu livro, em “O mistério da autoria”. Dessa forma, (re)ler MFL (2017) torna-se uma tarefa que deve ser colocada em pauta por todos aqueles que querem enveredar pelo universo bakhtiniano, compreendendo assim uma das obras mais populares do chamado Bakhtin e o Círculo.

Referências

- ARÁN, P. O. *Nuevo diccionario de la teoría de Mijail Bajtín*. 1ª. ed. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929].
- BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. [S.l.], v. 12, n. 2, p. Port. 45-56 / Eng. 45-57, maio 2017. ISSN

2176-4573. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/31815/22646>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

LOFTS, S. G. Bakhtin e Cassirer: o evento e a máquina. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. [S.l.], v. 11, n. 1, p. Eng. 70-88 / Port. 77-98, nov. 2015. ISSN 2176-4573. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/24739/18210>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PAZ, R. G. Vozes de Marx em Bakhtin e Derrida: à roda de uma polifonia espectral. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. [S.l.], n. 3, p. 68-81, ago. 2010. ISSN 2176-4573. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3371/2241>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

SÉRIOT, P. *Volosinov e a filosofia da linguagem*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Tradução de: “Volosinov, la philosophie de l’enthymème et la double nature du signe”, in: Volosinov, Marxisme et philosophie du langage – Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nova edição traduzida do russo para o francês por Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010, pp.13-93.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. MFL em contexto: algumas questões. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. [S.l.], v. 11, n. 3, p. Port. 154-173 / Eng. 160-180, set. 2016. ISSN 2176-4573. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23023/20529>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

SOUZA, G. T. Gêneros discursivos em Marxismo e Filosofia da Linguagem. In: *the ESPECIALISTA*, vol. 24, número especial, 2003, p. 185-202.

VIANNA, R. Marxismo e filosofia da linguagem à luz d'A ideologia alemã. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. [S.l.], n. 3, p. 29-41, ago. 2010. ISSN 2176-4573. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3368/2238>>. Acesso em: 24 jun. 2017.